

DO LIMINAR #3 – CICLO DE PERFORMANCE

Filipa Cordeiro

Caixa preta. A primeira parte da terceira sessão do ciclo Do Liminar é uma instalação que só pode ser experienciada por uma pessoa de cada vez, numa sala pequena. Há fila de espera para a escultura, os interessados vagueiam preguiçosamente na antecâmara, a mesma sala onde ontem tocou Keränen. Quando chega a minha vez, entro na sala onde está um sofá e um cubo preto, uma caixa para colocar na cabeça, dentro da qual se ouve uma longa paisagem sonora (líquidos a ser sorvidos, ruídos precisos no espectro ínfimo, anti-climáticos e lentos, que se ocupam de outras actividades que não a do arrombamento).

A caixa preta, dentro da qual não se sabe o que acontece, mas ‘ela’ sabe:

- Quem é o culpado em caso de acidente aéreo;
- Que estranhos processos ocorrem para produzir uma determinada imagem. (Vilém Flusser utiliza a ‘caixa preta’ como metáfora para a técnica, no seu livro ‘Filosofia da Fotografia’, originalmente publicado no Brasil com o título ‘Filosofia da Caixa Preta’. A caixa preta é metáfora de todos os processos técnicos cujo funcionamento desconhecemos, mas que utilizamos com facilidade. Dá-se um *input* à caixa preta – depois, acontece um processo que desconhecemos – e, por fim, temos acesso ao *output*. Mas mesmo o *input* não é descrito por Flusser como um acto de liberdade, mas antes como a actualização de uma das possibilidades de actuação da máquina, o mero cumprimento do seu programa. Flusser retrata-nos, não sem ironia e ambiguidade, como funcionários do aparelho).

Esta caixa preta não me parece pertencer a nenhuma das duas categorias. Talvez seja uma caixa para a evasão, a procura instalar-nos num lugar desligado de estímulos visuais e sonoros exteriores, para que nos concentremos na paisagem sonora composta por Rodrigo Gomes. Sozinhos dentro da caixa preta. Talvez pela agitação que sinto depois de uma maratona de dias a falar com pessoas e a ouvir música ao vivo, tenho dificuldade em concentrar-me e instalar-me por completo dentro da caixa preta, e interrogo-me se ela é apenas um meio para a entrada num sítio sem morada (dentro do som), devendo abstrair-me da sua existência, ou se devo atentar à minha figura, vista de fora: uma mulher adulta com uma caixa preta na cabeça. Sentada num sofá. Penso na humanidade como uma

espécie animal que atingiu estádios de complexidade em que o utilitarismo foi abandonado em prol da construção de imagens, sons e palavras sem utilidade – poesia. Uma espécie vegetal no pátio da Zaratan (não digo uma planta, mas muitas plantas, que tiveram origem numa delas mas que já ocupam diferentes vasos, e mesmo nestes lançam já às suas flores à terra e propagam cada vez mais o seu ser colectivo) estica-se para fora do vaso. Tem um tronco, na horizontal, que termina numa haste vertical – tronco de animal fino de quatro patas e pescoço de girafa, muito comprido, do qual saem ramos com pequenas folhas e flores carnudas. Na parte inferior do longo troço fino que se estica, paralelo ao chão, pendem pequenas raízes que parecem patas, metodicamente alinhadas. A planta saiu do vaso, criou pernas e não tardará a partir dali, enquanto nós conversamos e rimos e criamos estranhos objectos e imagens, que oferecemos uns aos outros.



Do Liminar #3 – Ciclo de Performance aconteceu no dia 14 de Agosto de 2016, pelas 18:00, na Zaratan Arte Contemporânea, Rua de São Bento 432, 1250-221 Lisboa. Nesta terceira edição foram apresentadas as performances de Daniel Pizamiglio e Inês Cartaxo, Rodrigo Gomes, leitura de Miguel Castro Caldas, documentadas e ‘traduzidas’ por Nuno Martins (fotografia) e Filipa Cordeiro (texto).

www.zaratan.pt

2016
Rodrigo Gomes

rodrigogomes.xyz | rodrigo.amgomes@gmail.com